

# Mais que um grupo de Facebook Experimentações sociais e lógicas específicas de midiatização no LDRV

**RODRIGO DUARTE**

*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre,  
Rio Grande do Sul, Brasil*

**ANA PAULA DA ROSA**

*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre,  
Rio Grande do Sul, Brasil*

**ID 2330**

Recebido em

**05/10/2020**

Aceito em

**11/01/2021**

Este artigo se propõe a discutir as lógicas específicas de mediação do grupo LDRV, formado no Facebook. Por meio de observação participante, chega-se a três lógicas de mediação: apropriação, contra repetição e negociação, manifestadas em usos, apropriações, operações e códigos acionados no grupo, revelando características internas de funcionamento do arranjo e em relação ao contexto social. Pondera-se que a microambiente criada pelo grupo é porosa à transversalidade da mediação e, apesar de tentar ser fechada, é vazada para o macroambiente. Isso pode ser visto, por exemplo, em situações em que o grupo é absorvido pela indústria cultural e transformado em capital econômico.

**Palavras-chave:** Grupos de Facebook. LDRV. Mediação. Circulação. Comunicação.

## **Más que un grupo de Facebook: experimentos sociales y lógicos específicos de mediatización en LDRV**

Este artículo propone discutir la lógica específica de mediatización del grupo LDRV, formado en Facebook. A través de la observación participante, se alcanzan tres lógicas de mediatización: apropiación, contra repetición y negociación, manifestada en usos, apropiaciones, operaciones y códigos desencadenados en el grupo, revelando características internas del funcionamiento del arreglo y en relación con el contexto social. Se considera que el microambiente creado por el grupo es poroso la transversalidad de la mediatización y, a pesar de intentar cerrarse, se filtra al macroambiente. Esto se puede ver, por ejemplo, en situaciones en las que el grupo es absorbido por la industria cultural y transformado en capital económico.

**Palabras clave:** Grupos de Facebook. LDRV. Mediatización. Circulación. Comunicación.

## **More than a Facebook group: social and logical experiments specific to mediatization in LDRV**

This article proposes to discuss the specific logic of mediatization of the LDRV group, formed on Facebook. Through participant observation, three logics of mediatization are reached: appropriation, against repetition and negotiation, manifested in uses, appropriations, operations and codes triggered in the group, revealing internal characteristics of the arrangement's functioning and in relation to the social context. It is considered that the microenvironment created by the group is porous to the transversality of mediatization and, despite trying to be closed, it is leaked to the macroenvironment. This can be seen, for example, in situations where the group is absorbed by the cultural industry and transformed into economic capital.

**Keywords:** Facebook groups. LDRV. Mediatization. Circulation. Communication.

## Rodrigo **DUARTE**

Mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, pela Unochapecó.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

*E-mail:* rodrigodurt@gmail.com

### **ORCID**



## Ana Paula **DA ROSA**

Doutora em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

*E-mail:* anaros@unisinós.br

### **ORCID**



## Introdução

Experimentar comunicacionalmente nunca pareceu ter tanta potencialidade como na atual conjuntura de intensa midiatização. As experiências sociais materializadas através de circuitos, como bem apontado por Braga (2012), são consequência direta das dinâmicas de circulação de sentidos, complexificadas nessa ambiência (GOMES, 2017).

O desenvolvimento de pesquisas em comunicação, sobretudo quando orientadas teórico-epistemologicamente pela midiatização, indicam uma especial preocupação com o surgimento de novas e/ou transformação de antigas dinâmicas interacionais. Nesse contexto, os grupos de Facebook se inscrevem como um ponto sintomático da sociabilidade contemporânea, esfera em que se localiza o objeto empírico desta pesquisa, o grupo Lana Del Ray VEVO (LDRV)<sup>1</sup>. Mesmo carregando o nome da cantora estadunidense, o grupo não se trata de um conjunto de fãs da artista, mas um singular objeto que, além de elaborar táticas experimentais de comunicação (que incluem o tensionamento social, discussões de pautas sobre sujeitos LGBTQ+ entre outras), envolve atores sociais que criativamente desenvolvem práticas interacionais distintas das estabelecidas em outros meios. Portanto, ganham visibilidade por articularem um arranjo que segue, ao mesmo tempo que rompe e tensiona, as lógicas do Facebook.

Criado em 2013, por Kaerre Neto<sup>2</sup>, como página homônima em outra rede social (Tumblr), o LDRV rapidamente migra para o Facebook, ainda em formato de página e, após certo tempo, reúne os seus seguidores em um grupo. Passando por várias eras<sup>3</sup> – processos geracionais em que se dava início a uma nova “etapa”, no esforço de solucionar problemas no grupo que até então era o atual – são tecidos processos contínuos, numa larga elaboração tentativa. Um arsenal de regras faz parte desse trabalho tentativo, uma vez que elas são o reflexo do que acontece no grupo e que, em alguma medida, também direcionam a comunidade no horizonte do seu propósito. A equipe de administradores e moderadores, composta por uma rede de sujeitos interessados na organização da comunidade (articulada, aparentemente, pelo próprio criador do grupo), é quem coloca em prática o que tais regras comunicam.

Tal conjunto de regras é o que norteia como a comunidade lida com aquilo que não está de acordo com o que ela se propõe. A remoção – ou o banimento – dos membros infratores é a principal consequência do descumprimento desse conjunto de regras. Elas são, inclusive, parte importante da própria constituição da comunidade, uma vez que são elaboradas com vistas a manter o grupo fiel ao seu objetivo e compõem uma certa característica identitária do grupo.

“Ser uma válvula de escape dos tormentos cotidianos, com postagens descontraídas e discussões saudáveis”<sup>4</sup> é enunciado como o propósito do LDRV. Isto é, ser esse lugar outro, propício para interagir sobre assuntos engraçados e abertamente voltado a sujeitos LGBTQ+, já revela um tipo relação e de preocupação com o contexto social. Essa ideia de ‘fugir da realidade’ tem a ver com o ambiente hostil de violência física e simbólica com os sujeitos LGBTQ+.

Por outro lado, uma característica importante desse grupo é a sua subdivisão em ramificações temáticas. Além de existirem em formato de páginas e perfis em outras plataformas, cada subgrupo gira em torno de um “tema”, tem seu próprio arsenal de regras e constitui-se a partir de lógicas próprias, o que

<sup>1</sup> Durante o desenvolvimento da pesquisa o grupo possuía 430.152 perfis de membros.

<sup>2</sup> SOUZA, Stefani. Falamos com Kaerre Neto, nome por trás do LDRV. Revista Glamour, 2018. Disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Carreira-e-dinheiro/noticia/2018/11/falamos-com-kaerre-neto-nome-por-tras-do-ldrv-um-dos-maiores-grupos-do-facebook.html>>. Acesso em 16 de nov. de 2020.

<sup>3</sup> Termo usado para descrever a criação de um novo grupo, que substituiria a versão do grupo que já não estava funcionando – normalmente devido à superlotação de membros.

<sup>4</sup> Propósito declarado na aba “sobre” do grupo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/LDRV12>>. Acesso em 12 de out. de 2021.

envolve uma equipe de administradores e moderadores. O motivo pelo qual existem esses subgrupos (ou *spin-offs*) é pelo fato de o LDRV não querer se tornar um grupo “flodado”<sup>5</sup>.

Tendo em vista essas peculiaridades, a proposta deste artigo é entender as lógicas específicas de mediação do grupo em questão e, ao adentrar na realidade específica de seu sistema, tecer um ângulo de compreensão sobre como a própria sociedade está se (re)organizando. Isso porque entende-se que a sociedade em mediação, diferentemente da sociedade dos meios, não se organiza pela mídia, mas em mídia. Essa diferença evidencia novas formas de vínculos e de contato social, que não mais prescindem de uma lógica de mídia, mas que estão permeados por uma cultura de mídia que permite a entrada em cena dos atores em produção.

Destarte, a preocupação com a questão comunicacional atravessa e direciona as discussões que são propostas neste artigo. O horizonte de debate é a compreensão do desenvolvimento de processos experimentais, típicos de uma sociedade em mediação, em que sobressaem as lógicas já instituídas pela mídia. Braga (2015) acentua que a natureza tentativa das lógicas de mediação deriva da instabilidade daquilo que excede o já estabelecido, neste caso, as lógicas midiáticas consolidadas tanto na indústria cultural, quanto nas próprias materialidades, tecnologias e hibridações.

Sendo assim, a pergunta que nos move nesta pesquisa é: de que forma as experimentações sociais, expressas em operações e códigos, dão a ver lógicas específicas de mediação no grupo LDRV formado no Facebook? Para tanto, a exploração se dá em três eixos de experimentação, identificados a partir de características importantes de constituição e funcionamento do próprio objeto empírico. Tais eixos (grupo, gestão do grupo e membros do grupo) dão a ver como as lógicas de mediação se instalam enquanto processos tentativos. Como estratégia de análise, focamos em cada eixo sobre os usos, apropriações, operações e códigos, a fim de identificar e compreender o caráter experimental e tentativo do arranjo.

Metodologicamente, a observação participante ocorreu nos meses de abril e setembro de 2019, períodos escolhidos em conjunto com o desenvolvimento da dissertação de mestrado, possibilitando a ida a campo pré e pós banca de qualificação. Diante disso, o uso dessa ferramenta metodológica se deu mediante conversas com o criador do grupo e através do próprio perfil de um dos pesquisadores na rede social, buscando ter um acesso diário e constante, similar à prática dos próprios membros.

É importante comentar que o corpus de análise não se restringe a publicações (em sua forma e em seu conteúdo), mas diz respeito também às articulações do grupo e dos diversos atores envolvidos no arranjo. Nesse sentido, utilizamos a ferramenta de *print screen* para recolher materialidades representativas das lógicas observadas, chegando a 115 imagens coletadas. Os critérios de delimitação partem, principalmente, de uma articulação de indícios e produção inferencial, auxiliando a passagem da série material (indícios percebidos) à série indiciada (realidade percebida através de indícios) (BRAGA, 2008).

Um critério também levado em consideração em relação ao conteúdo, era o volume de engajamento (reações e comentários) que se tinha nas publicações. Mesmo que percebido manualmente, isso nos permitia pensar a respeito de um tipo de repercussão que os conteúdos tinham no grupo. Isto é, não se trata de seguir a dinâmica do algoritmo, mas através dela ver que tipo de operações são feitas, por quem são feitas e com quais objetivos. Desse modo, a seleção dos materiais parte de um controle aleatório, a fim de se ter uma variedade de publicações do campo de observação.

A discussão que se propõe aqui sobre o LDRV e, portanto, sobre grupos de Facebook, já se localiza num conjunto de pesquisas sobre grupos formados em redes – que, inclusive, em alguns casos olham para o próprio LDRV – como, por exemplo, Constantino e Barata (2017); Inocêncio (2017); Scherer (2016); Batista (2015); Nunes (2017). Entretanto, mobilizados pelas questões de mediação, nossa preocupação está voltada para

<sup>5</sup> Termo utilizado pelos membros para descrever situações em que posts repetitivos estão tornando a linha do tempo “chata”, reproduzindo mais do mesmo.

natureza intrínseca da circulação nas experiências sociais de produção de circuitos e arranjos interacionais (BRAGA, 2012). Isto é, não se trata de levar em consideração apenas a sua potencialidade de espalhamento e engajamento nas redes<sup>6</sup>, mas compreender como o grupo proporciona uma importante contribuição para o entendimento do que as comunidades virtuais oferecem em termos de processos comunicacionais; estas cada vez mais disruptivas e críticas, mesmo quando focadas no humor e na aparente efemeridade da circularidade de imagens.

É desse modo que o grupo nos permite pensar a circulação como um terreno ambientado através de jogos e disputas de sentidos. Quando o arranjo interacional tentativamente subverte, ensaia, recria ou se adequa aos protocolos da plataforma, ele dá a ver justamente a potência exploratória que grupos como esse têm. Mais do que isso, ao observar o grupo LDRV e seus modos de existência, é possível refletir sobre o fazer de grupos de Facebook que não apenas sofrem mídia, ou se disponibilizam a ela, mas especialmente fazem mídia e agenciam a produção de sentido sobre si e sobre os outros.

## Os grupos de Facebook no macrocontexto de mediação: o LDRV como um arranjo interacional

Ter em mente as questões que a mediação traz para discussão é ter um olhar direcionado para as transformações em curso na sociedade, o que inevitavelmente envolve levar em consideração o atual contexto midiático e de cultura tecnológica digital. Sendo um processo em curso, aberto e complexo, é tematizado a partir de diversas frentes, segundo problemáticas que se destacam. Autores nórdicos, por exemplo, discutem a partir de perspectivas sócio-construtivistas – em que os meios ascendem sobre as práticas sociais (HEPP, 2014); e institucionais (HJARVARD, 2008) – que entendem a mídia como instituições exógenas, que afetam a sociedade. Entre autores latino-americanos – perspectiva adotada neste artigo – assume-se tal processo como também sendo da ordem da cultura, numa integração com processos sociais, o que inscreve, também, as instituições (FERREIRA, 2017). Nesse sentido, as maneiras pelas quais o tecido social se apropria sobre os meios e sobre a mídia são também formas de olhar para a mediação.

Ao tratar de uma transversalidade da mediação, Gomes (2017, p. 66) abarca a ideia de ambiência, assumindo que esse processo desencadeia um “novo modo de ser e estar no mundo”, que envolve, conseqüentemente, a produção de sentidos (pessoal e social). Para o autor, o próprio processo comunicacional é potencializado na sociedade contemporânea, uma vez que as inter-relações se complexificam e se ampliam, principalmente pelos meios eletrônicos.

De acordo com Fausto Neto (2010), é através da circulação que pode ser pensada a complexidade desse fenômeno, uma vez que as relações entre produtores e receptores – sempre em desajuste – ganham uma dinâmica de interfaces. A circulação, como um “lugar” onde se estabelecem novas atividades entre as instâncias de produção e recepção, desponta como uma região onde os sentidos não são só disputados, mas também produzidos (FAUSTO NETO, 2018).

Sob uma ótica de fluxo contínuo, para Braga (2012), a ideia de circulação se concretiza na sociedade na forma de circuitos, que nascem a partir de experiências sociais mobilizadas por sujeitos, instituições ou grupos. Atrelado a essa noção está também o conceito de dispositivos (ou arranjos) interacionais. Remetendo explicitamente às táticas, articulações e estratégias que tecem agenciamento interacionais, a noção de processo contínuo – que é tentativo – é o cerne dos arranjos interacionais.

<sup>6</sup> Segundo Veloso (2019), a partir do Google Trends foi possível identificar que, em 2019, o LDRV era o termo mais pesquisado no buscador, quando comparado a outros grupos famosos no Facebook.

Assumimos o grupo LDRV como um arranjo interacional, que emerge nesse cenário de grupos de Facebook. Nesse contexto, tais grupos nitidamente ganham potencialidade pela sociedade em vias de midiatização, uma vez que suas dinâmicas – que podem tentativamente surgir e nem sempre se estabelecer – são consequência de novas lógicas e da própria absorção dos meios pelo tecido social. Nesse sentido, os usos dos grupos de Facebook não são novidade no cenário das redes. As práticas de criação e estabelecimento de comunidades virtuais já povoam as plataformas digitais e passaram por um relativo espaço de tempo, que culminam na sua ‘naturalização’. Desde a popularização da internet até os dias atuais, tais práticas foram sendo atualizadas conforme período, contexto, ferramentas disponíveis e avanços sociotécnicos.

É a partir da *tour do cofre*<sup>7</sup>, em 2017, que parece se tornar comum ver situações que acontecem no LDRV ganharem espaço em veículos midiáticos. Um exemplo demonstrativo é a recente campanha publicitária da Skol inspirada em *tours*<sup>8</sup> do grupo que, apropriando-se sobre discursos e ações interacionais dos membros, transformam-se em produtos comerciais. Esse tipo de apropriação revela um valor que é, sobretudo, mercadológico, a partir do que acontece e do que habita o imaginário do LDRV.



Figura 01: Campanha publicitária inspirada no grupo LDRV

Fonte: página da Skol no Facebook<sup>9</sup> (2020).

Através desse projeto, é possível já pensar a especificidade desse grupo e como ele desperta interesse de pessoas e marcas. Isto é, diversas vezes o grupo entrou nos *trending topics*<sup>10</sup> do Twitter, por exemplo, revelando um certo interesse social no grupo; o que levou a agentes da publicidade e do marketing a identificar que ali existe algo valioso para o mercado (consequência ou não da ‘fama’ do grupo). Mas, afinal, o que torna o LDRV tão interessante?

<sup>7</sup> Essa *tour* pode ser vista como um marco no grupo, tendo em vista as grandes transformações que ocorreram após o seu acontecimento. Trata-se da história de um membro que tinha um cofre na casa dos seus pais e que seria aberto com sua família, devido a um motivo desconhecido. Ao compartilhar a história, gerou grande repercussão nos sites de redes sociais e chamando a atenção para o LDRV.

<sup>8</sup> Expressão usada pelos membros para descrever histórias que estão sendo contadas nas publicações. Além disso, faz referência ao verbo passeio e palavras correlatas (em inglês), que é de onde nasce a expressão.

<sup>9</sup> Post disponível em: <<https://www.facebook.com/skol/posts/10157694398432958>>. Acesso em 12 out. 2021.

<sup>10</sup> Quando um assunto se torna um dos mais comentados na rede social Twitter. Isso ocorreu, por exemplo, no caso da *Tour do Cofre* que chegou aos TTs mundiais. Disponível em: <<https://help.twitter.com/pt/using-twitter/twitter-trending-faqs>>. Acesso em 10 ago. 2020.

## As lógicas tecidas a partir de usos, apropriações, operações e códigos: processos que acabam se instalando

Para os fins a que se destinam este texto, a análise é estruturada a partir de três grandes eixos de experimentação (experimentações do grupo, da gestão do grupo e dos membros do grupo), identificados a partir das características mais importantes do objeto empírico. Ou seja, é a partir desses três eixos que tentamos reconstituir as dinâmicas interacionais e os processos que constituem o objeto na sua realidade específica, tendo em vista a proposta do exercício reflexivo deste artigo e como o quadro teórico referencial tensiona e é tensionado por aquilo que é observado.

### Experimentações da gestão do grupo

O LDRV é constituído a partir de algumas operações que, por si só, já falam muito sobre o seu sistema de comunidade. Uma dessas operações é o conjunto de regras que norteia aquilo que se espera que aconteça entre os membros da comunidade, representada na Figura 2. Tais regras, de uma forma ou de outra, se sobrepõem às próprias gramáticas do Facebook, uma vez que o que está em jogo são os interesses sociais do arranjo.

1	<b>Relaxe, pegue leve.</b>	***
	Aqui é um lugar de descontração, uma válvula de escape das coisas ruins cotidianas. Caso você veja algo errado denuncie aos administradores e se abstenha da problematização, pois debates e discussões políticas no âmbito ideológico, social e econômico acarretam no banimento de seus participantes.	
2	<b>Alguém já pode ter postado a sua ideia</b>	***
	Caso você tenha visto algo legal na internet e queira postar aqui, confira a lupa do grupo para evitar uma repetição indesejável (flood). Caso o mesmo assunto seja enviado ao grupo com uma frequência	
3	<b>Não farofe</b>	***
	"Farofa" são aquelas postagens genéricas, bregas, que todo mundo faz, que já estão saturadíssimas e que não servem absolutamente pra nada. Kibes do Twitter e spoilers também estão proibidos.	
4	<b>Nenhuma promoção, fakes, spam ou pirataria</b>	***
	Proporcione às outras pessoas deste grupo mais do que você obtém dele. Autopromoção, spam e links irrelevantes não são permitidos, assim como perfis fakes e disponibilização de conteúdo pirata.	
5	<b>Só existe um LDRV</b>	***
	Somos um único grupo com foco na cultura LGBT dividido em spin offs específicos com o selo da página LANA DEL RAY VEVO, caso seja relatado que você participa de quaisquer outros grupos fakes que carregam o nosso nome, sua presença neste não será permitida.	
6	<b>Respeite a privacidade de todos</b>	***
	A participação no grupo requer confiança mútua. É ótimo ter discussões autênticas e expressivas no grupo, mas elas podem ser sensíveis e privadas. O que é compartilhado no grupo deve permanecer nele.	
7	<b>Nenhum discurso de ódio ou Bullying</b>	***
	Somos um grupo de enfoque LGBT+ e todos devem se sentir seguros. O	

Figura 02: Regras do grupo

Fonte: Grupo LDRV (2020).

Esse conjunto de regras é pensado a partir do jogo experimental da administração do grupo em relação às estratégias tentativas dos membros. Isto é, não se trata de uma configuração que nasceu pronta, na primeira era do LDRV, mas de uma operação que constantemente está preocupada em conseguir atualizar o jogo social do grupo e medir o que está funcionando e aquilo que precisa ser reformulado. Se, por um lado, as regras são atualizadas a partir do que os membros fazem, por outro, elas são postas em prática pela equipe de administração e moderação.

Essa operação pode ser tensionada à luz do que Bourdieu (1990) denominava como regras, regularidades e estratégias. Ao observar duas comunidades específicas, no esforço de compreender as lógicas das estratégias matrimoniais, o autor estabeleceu características que compõem aquilo que chama de jogo social: conjunto de pessoas, regularidades nos comportamentos e uma certa lógica imanente. Bourdieu (1990) não apenas assinala componentes, mas expõe características que definem a natureza dessa prática social.

O que querem, afinal, tais regras? O que tudo indica é que elas são, sobretudo, sintoma das próprias transformações do grupo – e por que não da sociedade atravessada pela mediação? – e, no fundo, mantêm a comunidade arraigada ao seu propósito. No conjunto, essas normas fazem parte de uma disposição muito fértil de articulação entre liberdade e contenção. Um jogo entre flexibilidade e rigidez. Rígida, quando a administração/moderação necessita ser uma “voz” de punição para que não se instalem comportamentos que não estão de acordo com o propósito do grupo; e flexível, quando as próprias regras também se modificam em função do que os membros fazem. Esse jogo social do grupo mostra uma clara articulação de estratégias dos jogadores, neste caso, os membros, e também da comunidade em se adaptar a essas estratégias.

Dessa articulação (regras + adaptação ao que os membros fazem) o que resulta é uma propensão a um ambiente criativo. Se nas regras o grupo refuta alguns comportamentos – como a “farofa” (postagens genéricas) – e desenvolve um conjunto de operações para que eles não aconteçam, é no enfrentamento dessas regras que se criam conteúdos inéditos e criativos. O jogo específico do LDRV é um desafio aos seus membros a serem engraçados, originais e cotidianos, superando alguns obstáculos (no caso, as regras adaptadas ao que os sujeitos fazem), indo além da replicação comum de materiais. A principal consequência desse jogo é um ambiente bastante fértil para conteúdos que não sejam genéricos.

Enquanto processo que se instala, aparece aí uma lógica de negociação. Ainda que instituída por quem administra o LDRV, ela também é exercida por aqueles que fazem parte do grupo, e isso significa que esse processo é fruto direto da articulação entre as regras e as estratégias tentativas. Essa lógica funciona como um termômetro que indica quando uma antiga regra precisa ser repensada ou uma nova deve ser testada.

Negociar, nesse sentido, se configura como um processo em aberto, logo, nunca estanque. À medida que o grupo foi se aperfeiçoando, a partir de suas gerações, negociar passou a ser uma ação importante para a sobrevivência do próprio grupo enquanto conjunto. Se pensarmos, por exemplo, em modos de convívios em comunidades físicas, que ultrapassam os grupos de Facebook, essa lógica de negociação é emblemática, uma vez que ela está ligada diretamente a ajustes/adaptações, naturais de qualquer convívio em grupo. Isto é, negociar é um tipo de ação que, embora no caso aqui estudado se efetive num processo aberto, possivelmente esteja presente em outros grupos no próprio Facebook, como um tipo de estratégia importantíssima para a ‘sobrevivência’ de comunidades numa ambiência de mediação.

## Experimentação dos membros do grupo

No grupo, os membros interagem em grande parte por meio das *tours*. Algumas *tours* do LDRV se tornam famosas, dentro e fora do grupo, justamente por carregarem um certo ineditismo, tratando-se de conteúdo e de forma. Isto é, o humor, o deboche e o sarcasmo se concretizam através de algumas operações, as quais, sujeitas às regras declaradas, buscam dar início às dinâmicas de interação entre os membros.

As experimentações dos membros do grupo estão diretamente ligadas às operações de apropriação. Seja imagetivamente ou textualmente, o que acontece é uma sobreposição de camadas de sentidos naquilo que vai ser propagado no arranjo. Ou seja, para fazer sentido no grupo, há um constante trabalho de apropriação e rearranjo aos ‘moldes’ do LDRV, havendo aí uma produção preocupada com as lógicas específicas do grupo.

O que se sobressai é uma certa tendência na produção de conteúdos engraçados, incomuns, os quais são discursivamente colocados em circulação pelos atores. Ser inesperado é, portanto, uma situação que parte dos usos, mas principalmente de apropriações, e ecoa num tipo de comportamento. Pensando a partir do sistema de comunidade do grupo, esse é um dos resultados do próprio desafio da LDRV, afinal, ser inesperado é também sinônimo de ser original, e ser originalmente engraçado é um dos grandes objetivos no grupo.



Figura 03: Tour no grupo

Fonte: Grupo LDRV (2020).

Na Figura 3, a imagem de um videoclipe<sup>11</sup> é apropriada e colocada em outro contexto, em tom de humor. Esse tipo de operação – que não é nem eventual nem dispersa – se instala à medida que se torna constante, justamente por ser favorável para o ambiente do grupo. A lógica que se tece, de apropriação, é diretamente ligada ao funcionamento do arranjo, uma vez que a capacidade criativa dos atores do grupo é potencializada através desse tipo de operação.

Se há o objetivo – expresso nas regras do grupo – de construção de um ambiente em que os sujeitos possam esquecer dos tormentos cotidianos, esses processos de apropriação – ou subversão – na verdade são resultados das próprias experimentações do LDRV em como conseguir ser singular num oceano de grupos na plataforma.

## Experimentações do grupo

Este terceiro eixo desponta a partir de experimentações do grupo, visando a sua sobrevivência. Como estratégias que vão além da alçada de operações internas da comunidade – o que justifica o seu desmembramento do primeiro e do segundo eixo – o que é buscado, nesse conjunto, é sempre a existência e visibilidade do grupo, à medida que a comunidade testa o que funciona ou não.

<sup>11</sup> Retrogrado – vídeo. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=x\\_ECN3PqSZI](https://www.youtube.com/watch?v=x_ECN3PqSZI)>. Acesso em: 17 de nov. de 2020.

As eras do LDRV<sup>12</sup> – que consistem em um processo de *reboot* do grupo, onde para continuar fazendo parte da comunidade era necessário migrar para a nova configuração do grupo – vêm acontecendo desde que o LDRV surgiu, totalizando cerca de 12 gerações. Nessa operação parece haver duas situações: 1) quando se iniciava uma nova fase do grupo, aparentemente, havia uma tentativa de ‘reengajamento’ dos membros, seja porque o grupo já estava superlotado, ou porque as regras já não estavam funcionando etc. O que acontecia era um trabalho de valorização do próprio arranjo – afinal, ao saber que faz parte enquanto outros milhares ainda não, o integrante do LDRV passa a ter essa impressão do grupo como um ambiente extraordinário – o que está diretamente ligado à própria sobrevivência do grupo na efemeridade da cultura digital; e 2) abre o entendimento do próprio processo de aprendizagem do arranjo, pois nessa transformação geracional o próprio grupo se reinventa a partir do que os membros fazem.

Por outro lado, a configuração de se ramificar em outros subgrupos também é uma característica importante de funcionamento da comunidade. Como são temas recorrentes, de interesse de interação entre os membros, esses outros grupos canalizam conteúdos que possivelmente seriam repetitivos. Identificamos em nossas análises um total de 14 subgrupos, 4 páginas no Facebook e 4 perfis (dividindo-se em 2 na rede social Instagram, 1 no Twitter e 1 no LinkedIn).

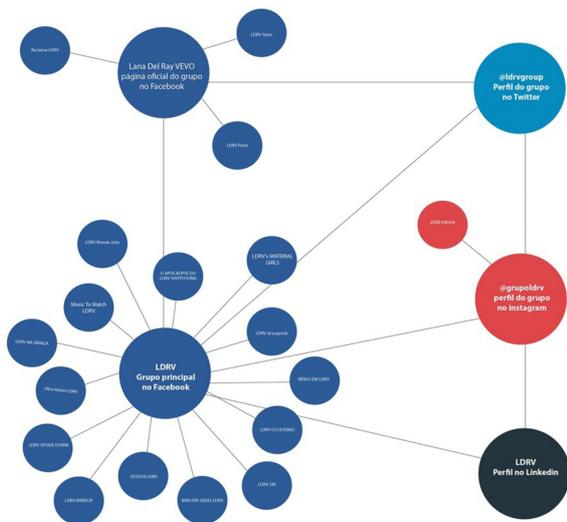


Figura 04: Tour no grupo<sup>13</sup>

Fonte: Grupo LDRV (2020).

Cada subgrupo tem suas regras, equipes de administração e moderação, além de lógicas próprias, que, por vezes, os tornam bastante distintos do LDRV. Ser membro do grupo principal não é indicativo de integrar os *spin-offs* (ou ser aceito em), assim como, ser membro de algum *spin-off* não significa fazer parte do grupo principal. Existe uma diversidade entre os próprios membros, que não são excluídos por uma ou outra característica. Isto é, constituir-se como algo ramificado<sup>14</sup>, conforme interesses diversos, na verdade cria um espaço aberto a singularidades.

**12** Linha temporal de “eras” do grupo construída a partir de conversas do pesquisador com o criador do grupo. Datas aproximadas. Disponível no link a seguir: <<https://drive.google.com/file/d/1Bo6APkyFaNTPfomSIWwiW6vOWNmuSO0J/view?usp=sharing>>.

**13** Mapa de grupos constituído a partir de três passos principais: 1) localização, na página oficial do grupo, dos grupos que estariam vinculados e, portanto, ligados à comunidade principal; 2) acesso à aba de grupos recomendados pelos administradores no próprio grupo; 3) buscas de publicações no grupo atual e em gerações passadas, a fim de encontrar pistas que levassem a descobrir outras ramificações.

**14** A ramificação faz parte da própria constituição identitária do grupo, isto é, ele se vê dessa maneira. Adotar isso, é entrar na sua especificidade e compreender a complexidade de sua constituição. Por outro lado, nos termos do Facebook, essas ramificações são outros grupos autônomos, já que a plataforma não prevê grupos dentro de grupos (ou ramificações propriamente ditas). Existem duas situações aí: 1) não há uma subordinação entre os grupos, ou seja, um grupo ramificado não está, com efeito, dentro e subordinado ao grupo maior; e 2) mesmo assim, a produção de sentidos sobre o que é fazer parte do grupo LDRV atravessa essa rede de ramificações, fazendo com que o grupo principal se atualize, de alguma forma, nas ramificações.

Essas ramificações agregam ao arranjo interacional na medida que abrem um outro espaço, situado entre o grupo principal e a trivialidade de grupos de Facebook, mas pautado por discussões específicas. O grupo lida com a diversidade de seus membros e, ao mesmo tempo, evita repetição – algo que o deslocaria do seu propósito.

O que se mostra é uma lógica de contra repetição. Isso porque construir esse lugar para ‘fugir da realidade dos tormentos cotidianos’ envolve conseguir se diferenciar das lógicas mais comuns, neste caso, as do próprio meio onde a repetição é fomentada (no sentido de espalhamento, dos produtos que se propagam repetitivamente). Conseguir interagir sobre algo engraçado, mas ao mesmo tempo único, é o objetivo dessa lógica.

Entretanto, o próprio arranjo é tragado por esquemas de repetição, ainda que ele internamente negue e/ou fomente outros tipos de processos. Isso significa que aquilo que é feito no grupo pode ser replicado em outras lógicas, inclusive, comerciais. É o caso de estratégias publicitárias que se apropriam dos fazeres da comunidade, como a campanha da Skol (citada na introdução deste texto), ações da Grindr<sup>15</sup> ou Imaginarium<sup>16</sup>. Esta última, citada em matéria sobre o grupo na revista Época, entrou em contato com uma integrante do LDRV após ela ter realizado uma publicação no grupo, enviando-lhe presentes e uma cartinha, dando sinal de que existem contratos do âmbito publicitário em decorrência do que acontece no grupo. O diretor de marketing da empresa diz que: “Encaramos as publicações como uma grande oportunidade de aprender, conversar com o grupo e ouvir as histórias que estavam por trás dos comentários” (VELOSO, 2019).

## Considerações finais: o grupo LDRV como locus de inventividade na ambiência de midiatização

Apesar de mobilizar a esfera tecnológica, neste caso, o Facebook, o arranjo não é diretamente sustentado por ela. O grupo LDRV, ao tentar preencher uma brecha na vida de sujeitos LGBTQ+, caracteriza-se quase que como uma extensão da cotidianidade e da intimidade dos sujeitos. Ao mesmo tempo, a singularidade do grupo não parece estar apenas no ambiente criativo que se forma; ele é quase uma consequência, mas na contínua reinvenção do jogo social e dos espaços de comum acordo que são inventados no grupo. O arranjo, constituído comunicacionalmente, ancorado em lógicas específicas, é atravessado pela própria ambiência de midiatização.

O que torna o LDRV único entre os grupos de Facebook é a sua capacidade de experimentar. Ainda que o propósito das experimentações mude conforme o contexto e questões diversas (afinal, desde 2013 aquilo que é experimentado certamente mudou) o objetivo permanece: manter o sentido do jogo e a importância do grupo para os membros. Isso significa que a eficiência da matriz comunicacional do grupo reside justamente em não estar pronta, mas em ser continuamente inventada.

O que esse grupo cria é, na verdade, uma microambiência inserida na ambiência transversal de uma sociedade em vias de midiatização. Ao ser inventivo a partir de suas lógicas próprias, protegido pelos seus códigos e operacional a partir de seu sistema próprio, produz-se um mundo à parte, que experimenta coisas que podem ou não serem abarcadas em outros arranjos/dispositivos na sociedade como um todo. Nessas circunstâncias, embora os atores envolvidos no arranjo produzam criações que tentativamente subvertem padrões, eles acabam sendo devorados pelo sistema da indústria cultural, onde conglomerados como o Facebook ou da publicidade os “consomem” e os categorizam para discursos no capital econômico – à exemplo das campanhas publicitárias que se apropriam do que acontece no grupo.

**15** Rede geossocial voltada para relacionamentos.

**16** Marca de decoração e presentes voltada, principalmente, ao público jovem.

O ponto central da presente discussão é que a microambiência que o grupo cria está inserida numa macroambiência da mediação. Ao falar disso, alude-se à porosidade do arranjo em relação ao contexto, pois, ainda que esse microambiente tente ser fechado – blindado nos seus contratos – e reinvente continuamente o seu jogo social, ele é, ao mesmo tempo, vazado ao macroambiente de mediação. Ou seja, o arranjo é micro (tem suas próprias lógicas, características, ações e conjuntos), mas ele é também macro, no sentido de ser uma materialização da ambiência.

A transversalidade da mediação é tema debatido por Gomes (2017). Segundo o autor, existe uma virada fundamental nos modos de ‘ser e atuar’ em sociedade, a partir do momento em que, na sociedade em mediação, as lógicas passam a ser outras. Nessa perspectiva, compreendemos que essa transversalidade da ambiência é, de alguma maneira, concretizada em microambientes, como o do LDRV, e que são nesses lugares que borbulham diversidades de experimentações comunicacionais.

Trata-se, portanto, da corporificação da ambiência macro da mediação em microambiências, como a desse arranjo. As dinâmicas que se estabelecem aí – e a própria formação do arranjo interacional – é a mediação *in loco*, no sentido de ser consequência da cultura afetada pelo fenômeno que é transversal. Tal inferência demanda a percepção de que experimentar comunicacionalmente é um indício direto da ambiência da mediação.

Essas demarcações do microambiente não são sinônimo de passividade do arranjo à ambiência. Na verdade, esses microambientes são, sobretudo, estruturantes da ambiência de mediação. A própria cultura é tecida nesses grupos de Facebook e, além de traduzir, dão corpo a essas zonas de experimentação. Isto é, funcionam como *locus* para o exercício de inventividade que, ao potencializar a capacidade de experimentar, arranjam a própria realidade contemporânea.

## Referências

BATISTA, Micheline Dayse Gomes. **Entre a rede e a comunidade:** interação e comunicação nos grupos do Facebook–o caso do Direitos Urbanos| Recife. 2015. 326 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas.** Cidade: São Paulo. Brasiliense, 1990.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, n. 2, p. 73-88, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193>>. Acesso em: 24 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. Dispositivos interacionais. In: ANAIS DO 20º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2011, Porto Alegre. **Anais...** Campinas, Galoá, 2011. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos-2011/papers/dispositivos-interacionais>> Acesso em: 12 out. 2021.

\_\_\_\_\_. Circuitos versus campos sociais. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jader; JACKS, Nilda Aparecida (Orgs.). **Mediação e mediação.** Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012.

\_\_\_\_\_. Lógicas Da mídia, lógicas da mediação. In: FAUSTO NETO, Antonio; ANSELMINO, Natalia Raimondo; GINDIN, Irene Lis (Orgs.). **CIM – Relatos de Investigaciones sobre mediaciones.** Rosário: UNR Editora, 2015.

COSTANTINO, Fernanda; BARATA, Luiza. Espaços híbridos e ressignificações: o exemplo do grupo de Facebook LDRV. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2017. Disponível em: < <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2806-1.pdf> >. Acesso em: 10 mar. 2019.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. In: \_\_\_\_\_.; VALDETTARO, Sandra (Orgs.) **Mediação, Sociedad y Sentido:** diálogos entre Brasil e Argentina. Rosario, Argentina: UNR, 2010. p. 2-17. Disponível em: <<http://www.fcpolit.unr.edu.ar/wp-content/uploads/Mediatizaci%C3%B3nsociedad-y-sentido.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

FERREIRA, Jairo. As metamorfoses da circulação: fluxos às questões de reconhecimento. In: CASTRO, Paulo Cesar (Org.). **A circulação discursiva:** entre produção e reconhecimento. Maceio: EDUFAL, 2017. p. 109-124.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à Mediação:** um conceito em evolução. São Leopoldo: UNISINOS, 2017.

HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos mediação: pesquisa da mediação na era da “mediação de tudo”. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 8. n. 1, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82930>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

HJARVARD, S. The mediation of society: a theory of the media as agents of social and cultural change. **Nordicom Review**, v. 29, n.2, p. 105-134, 2008.

INOCÊNCIO, Luana. High By The Sarrada: videomemes musicais, ativismo de fãs e performances de gosto nos sites de redes sociais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2017. Disponível no link a seguir: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0058-1.pdf>>. Acesso em 12 de out. de 2021.

NUNES, Maira de Souza et al. **God save the queer:** mobilização e resistência Antimainstream no facebook. 2017. 365 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2017.

SCHERER, Fernanda. **Consumo Midiático em Comunidade Online:** Um Estudo Sobre o Mundo T-GIRL. 2016. 202 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

VELOSO, Ana Clara. As manas do LDRV e o mundo LGBTQI em perspectiva. **Época**, 2019. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/sociedade/as-manas-do-ldrv-o-mundo-lgbtqi-em-perspectiva-1-24092979>>. Acesso em 10 ago. 2020.

## Informações para textos em coautoria

### Concepção e desenho do estudo

Rodrigo Duarte e Ana Paula da Rosa

### Aquisição, análise ou interpretação dos dados

Rodrigo Duarte e Ana Paula da Rosa

### Redação do manuscrito

Rodrigo Duarte e Ana Paula da Rosa

### Revisão crítica do conteúdo intelectual

Rodrigo Duarte e Ana Paula da Rosa

## Informações sobre o artigo

### Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

Este texto trata-se de um recorte de estudo de caso, desenvolvido em dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, intitulada como “Muito mais que um grupo de Facebook: das experimentações sociais às lógicas de midiatização no LDRV”, inscrita na linha de pesquisa Midiatização e Processos Sociais e orientada pela Dra. Ana Paula da Rosa.

### Fontes de financiamento

Não se aplica.

### Considerações éticas

Não se aplica.

### Declaração de conflito de interesses

Não se aplica.

### Apresentação anterior

Não se aplica.

### Agradecimentos/Contribuições adicionais

Não se aplica.